

QUEM VENCEU A TERCEIRA GUERRA DO GOLFO?

O memorando de entendimento entre EUA e Irã visa encerrar a Terceira Guerra do Golfo, reabrir o Estreito de Ormuz e aliviar sanções. Com uma vitória de Teerã e realinhamento estratégico americano, Israel emerge como o grande perdedor geopolítico.

Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O Irã e os EUA planejam assinar um memorando de entendimento (MoU, *Memorandum of Understanding*) [inspirado no Tratado de Zarif](#) para encerrar a Terceira Guerra do Golfo nesta sexta-feira, na Suíça. Os detalhes exatos ainda não são conhecidos, e a revista [Fortune](#) noticiou que existem pelo menos três textos concorrentes, mas todos eles “*incluem elementos semelhantes em relação à reabertura da vital via navegável do Estreito de Ormuz, ao alívio das sanções ao Irã e à abertura de caminho para negociações de longo prazo sobre seu programa nuclear*”. Isso já é suficiente para chegar a várias conclusões muito importantes.

Para começar, a reabertura do estreito sem o [pedágio em petroyuans](#) usado pelo Irã durante a guerra representaria uma concessão significativa da República Islâmica, cujos porta-vozes na mídia [celebraram](#) esse modelo como um marco histórico multipolar. O mesmo vale para a retomada das negociações sobre seu programa nuclear, politicamente sensível. O alívio das sanções em troca poderia, sem dúvida, valer a pena, considerando [esta estimativa](#) dos profundos danos econômico-financeiros causados pelo bloqueio (imperfeito) dos EUA.

Sobre esse tema, foi explicado aqui no final de março que “*os EUA terão perdido a Terceira Guerra do Golfo se a China ainda puder contar com o Irã como um fornecedor confiável de energia*”

a baixo custo, enquanto transforma o yuan em uma moeda de reserva global que desafia o petrodólar”, portanto, impedir ambos é imperativo da perspectiva dos EUA. Com o petroyuan supostamente fora de cena, isso deixa a dependência das exportações de petróleo do Irã em relação à China, mas o alívio das sanções poderia ajudar a redirecionar gradualmente suas vendas ([como para a Índia](#)) sem perturbar o mercado.

Da mesma forma, se os relatos sobre um fundo de reconstrução de US\$ 300 bilhões para o Irã forem verdadeiros (mesmo que o valor final seja muito menor, mas ainda assim dezenas de bilhões de dólares), os investimentos dos EUA e do Golfo na indústria energética iraniana poderiam levar ao controle de suas exportações. Foi avaliado em janeiro que [“os EUA querem replicar o modelo venezuelano no Irã”](#), o que estaria a caminho da implementação nesse cenário. A interdependência resultante poderia [promover a segurança coletiva](#) e [facilitar a retirada regional dos EUA](#).

As facções moderadas (“reformistas”) e linha-dura (“principalistas”) do Irã alcançariam, portanto, alguns de seus objetivos: o primeiro em relação ao alívio das sanções e o segundo no que diz respeito à preservação das forças armadas (indiscutivelmente fragilizadas) do país, bem como seu arsenal de mísseis, sem mencionar seu sistema político. Contudo, o equilíbrio entre as facções teria pendido para o lado dos moderados, visto que os EUA não assinariam um memorando de entendimento se os moderados não conseguissem controlar os linha-dura “rebeldes”, que poderiam potencialmente reacender a guerra.

Pode-se concluir, portanto, que os moderados derrotaram os linha-dura na luta pelo poder dentro do Estado profundo iraniano, mas isso se deveu ao fato de os EUA e Israel terem assassinado dezenas de figuras importantes da linha-dura, após o que suas respectivas instituições (especialmente a Guarda Revolucionária Islâmica) foram enfraquecidas e, por fim, controladas pelos moderados. Certamente, linha-dura “rebelde” – independentemente de sua relação com a Guarda Revolucionária Islâmica – ainda poderiam sabotar o memorando de entendimento, mas o governo Trump 2.0 acredita que isso não acontecerá, caso contrário, a assinatura não seria concretizada.

Uma nova era regional está emergindo, na qual a Terceira Guerra do Golfo pode muito bem levar à gradual reintegração do Irã à ordem ocidental liderada pelos EUA, ainda que dentro de certos limites, o que estabelece as bases para melhores relações com seus vizinhos do Golfo. Nesse cenário, Israel sairia perdendo, já que não poderia mais dividir para governar o Irã e o Golfo, [e os EUA não o apoiariam](#) caso Israel retomasse as hostilidades com o Irã devido ao recente reavivamento da [ruptura possivelmente irreconciliável entre Trump e Bibi](#). Israel é, portanto, o maior perdedor da guerra.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
